

# ENCARTE PEDAGÓGICO

## QUEM NÃO ARRISCA NÃO PETISCA

(Série “Provérbios Brasileiros”)

Fátima Miguez

Ilustrado por Graça Lima

**Assuntos:** trabalho, folclore

**Interdisciplinaridade:** Língua Portuguesa, Ciências Naturais e Arte

**Temas Transversais:** Ética, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo

**Indicação:** a partir de 7 anos de idade

32 pp. / 21 X 27 cm / ISBN 85-7338-631-2

O acervo folclórico, porta-voz de experiências humanas acumuladas, inaugura a infância de cada um e é comum à infância de todos, numa travessia memorialística. De natureza oral, essa tradição se prolonga na literatura infantil, ampliando a comunicação humana na atemporalidade de sua manifestação. Perpetuar essa comunhão de saberes contribui para despertar a humanidade que habita o homem, ressignificando a fusão do coletivo no individual em fraterna identidade.

O repertório oral contemplou no passado o espaço hoje abarcado pela literatura infantil. A palavra é o instrumento lúdico de identificação entre as duas linguagens, a oral e a escrita. Transformar essa experiência oral em literatura é permitir às crianças de todas as gerações o acesso a um conteúdo humano indispensável à sua formação como sujeito cultural.

Essa transformação é um dos objetivos da série “Provérbios Brasileiros”. Os provérbios pertencem ao imaginário popular, por atenderem à grande necessidade que essa cultura tem de se manifestar por meio de imagens, de combinações poéticas. São ditos populares muito sutis, que contêm uma advertência e são de fácil memorização. Chamar a atenção de um ouvinte por meio de um provérbio – em razão de uma falha de conduta, por exemplo

– é propor uma reflexão, uma avaliação mais demorada daquilo que foi dito.

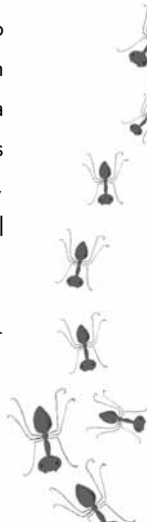
Uma das orientações estruturais de cada volume da série é a seleção de provérbios brasileiros, interligados por uma associação de idéias. Agrupados num desdobramento temático, de natureza crítica, os provérbios estimulam a reflexão e a formação de um repertório folclórico pelo leitor.

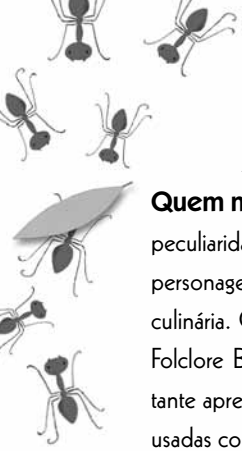
A série pretende, portanto, dar nova roupagem aos nossos provérbios, por meio da palavra literariamente trabalhada e da imagem esteticamente organizada. Trata-se de uma parceria entre palavra e imagem na criação, visando ao desenvolvimento

da sensibilidade e ao gosto pela arte, bem como à formação de leitores mais completos.

O primeiro volume – **Quem não arrisca não petisca** – reúne vinte e um provérbios, adaptados a um contexto no qual as personagens são as formigas saúvas, pragas da plantação e iguaria na culinária indígena, e uma viúva doente, representante da classe trabalhadora rural no cenário da cultura brasileira. Desdobrando o provérbio “Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são!”, slogan do livro *Macunaíma*, de Mário de Andrade, **Quem não arrisca não petisca** é uma fusão de ditos e mitos do

passado e do presente da realidade brasileira. A apropriação do provérbio-slogan das saúvas é uma tentativa de resgatar a memória intertextual da mitologia de nossa gente. *Macunaíma*, “herói de nossa gente”, desde a infância, na tribo dos Tapanhumas, revela sua proximidade com as saúvas, conforme se lê em “O divertimento dele era decepar cabeça de saúva”<sup>2</sup>. Nosso herói, sem nenhum caráter, reúne traços ambíguos, como a maldade, a esperteza, a astúcia, a preguiça, a sensualidade, enfim, características inerentes ao povo que representa. É um herói nacional, porta-voz de lendas, mitos, mazelas, brincadeiras, ditos e peripécias de um Brasil plural em busca de suas origens.





Ao trabalhar com o lendário da formiga saúva, o livro **Quem não arrisca não petisca** pretende destacar algumas peculiaridades desse inseto social na cultura brasileira. A saúva, personagem da história, constitui um petisco tradicional da nossa culinária. Conforme Luis da Câmara Cascudo, em *Dicionário do Folclore Brasileiro*<sup>3</sup>, as **tanajuras**, fêmeas das saúvas, são bastante apreciadas nas aldeias indígenas. Por seu sabor picante, são usadas como tempero de pratos como o tucupi, por exemplo. O abdome da tanajura é servido frito, e comenta-se que tem sabor de amendoim torrado. A saúva abastece, assim, a mesa do brasileiro, alimentando também um repertório de lendas a seu respeito.

No verbete **formigas** do dicionário mencionado, Câmara Cascudo cita algumas histórias de caçadas às tanajuras, com detalhes bem interessantes sobre a colheita. Essa caçada é capaz de mobilizar toda uma aldeia: os índios correm atrás das formigas voadoras até alcançá-las; então, colocam-nas numa cabaça, arrancam suas asas e depois as fritam.

Outra lenda conta que, sentadas à entrada de uma caverna, mulheres e raparigas entoam o seguinte canto de convite às tanajuras: "Vinde, minha amiga, vinde ver a mulher formosa, ela nos dará avelãs"<sup>4</sup>. À medida que as formigas vão saindo da caverna, logo são capturadas e postas na frigideira, já sem pés nem asas.

Ressignificando esse lendário, o livro faz alusão a uma outra história do repertório das saúvas, nos seguintes versos: "A saúva está frita / quando alguém grita: / 'Tanajura, cai, cai! / Pela vida do teu pai!'"<sup>5</sup>. Ao som dessa cantiga, um enxame de formigas aladas, pousadas em um galho de árvore, cai sobre toalhas estendidas por raparigas, conforme se lê em: "A queda das formigas / é planejada por raparigas, / ao som de cantigas / e toalhas estendidas". Também conhecida como formiga-da-roça ou carregadeira, a saúva é uma praga daninha nas plantações brasileiras. Elas

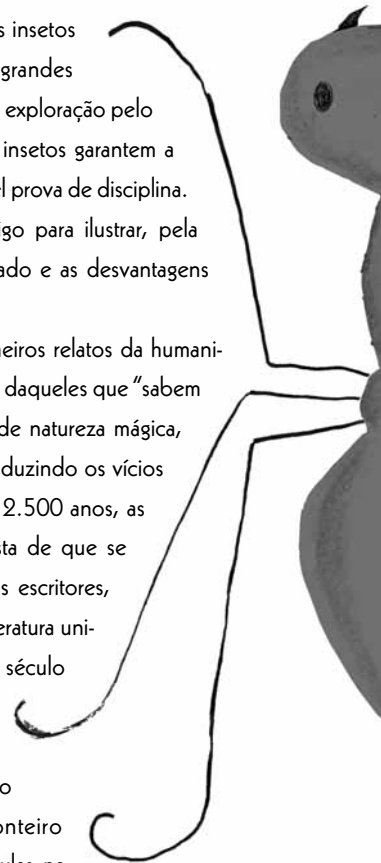
cortam folhas, flores e brotos em pedacinhos e os carregam até o formigueiro. Lá, trituram os pedaços dos vegetais até formar uma pasta, sobre a qual nasce uma espécie de fungo, que serve de alimento às formigas agricultoras. Para sobreviver, acabam prejudicando as lavouras e, por isso, são

perseguidas pelos lavradores. Na leitura poética do livro em questão, evidenciamos o comportamento das saúvas na destruição da lavoura da viúva, na história representante da classe dos colonos, como lemos em "Adeus, lavoura, / adeus, a viúva lamenta. / Praga daninha, a saúva, / a tirar o meu sustento!" ou, ainda, em "Quanto mais a viúva reza, / mais devastação aparece. / O verde, no chão vencido, / logo, logo, é banido!"<sup>6</sup>.

Com base nesse argumento narrativo apresentado no texto em estudo, o professor poderá desenvolver com a turma uma pesquisa sobre a vida das formigas e os prejuízos causados por elas no meio rural. É importante também destacar o tema da força da labuta coletiva desses insetos sociais, simbolicamente associados às grandes massas subjugadas ao rigoroso destino da exploração pelo trabalho. Operárias do formigueiro, tais insetos garantem a continuidade da espécie, numa incansável prova de disciplina. É interessante recorrer ao fabulário antigo para ilustrar, pela fantasia, o proveito do trabalho organizado e as desvantagens do apego excessivo ao labor.

As fábulas estão entre os primeiros relatos da humanidade e ainda hoje fomentam o imaginário daqueles que "sabem ouvir" as vozes dos animais. Narrativas de natureza mágica, encerram sempre uma verdade moral, traduzindo os vícios e as maldades dos homens. Há mais de 2.500 anos, as fábulas de Esopo, o mais antigo fabulista de que se tem notícia, vêm sendo revisitadas pelos escritores, contadores e leitores desse gênero da literatura universal. Jean de La Fontaine, na França do século XVII, destacou-se como o representante mais expressivo desse tipo de narrativa, tendo seu estilo largamente imitado. No Brasil, no início do século XX, Monteiro Lobato, reconhecendo o valor das fábulas na leitura da infância, investiu na migração do fabulário europeu para o imaginário brasileiro, adaptando, com talento, vários títulos do repertório de Esopo e de La Fontaine.

Resgatando o tema do trabalho da memória intertextual do maravilhoso antigo, o professor poderá utilizar, para leitura em sala de aula, as fábulas **A cigarra e a formiga**<sup>5</sup> e **A mosca e a formiguinha**<sup>6</sup>. A primeira foi recolhida por La Fontaine, com o objetivo de denunciar o utilitarismo dos burgueses, representados na ficção pelas formigas e insensíveis ao valor da arte, simbolizada pela cigarra. Entretanto, existem adaptações dessa fábula que de-



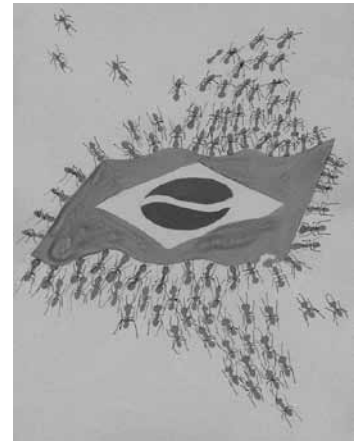
sautorizam a importância da cigarra (arte) para celebrar o esforço da formiga intransigente. Tal inversão deu-se no Romantismo, pelo fato de se considerar o trabalho como forma de ascensão social. A versão de Monteiro Lobato, publicada em *Fábulas*, registra as duas visões mencionadas, atribuindo-lhes dois subtítulos, **A formiga boa** e **A formiga má**. Os adjetivos **bom** e **mau** reforçam o confronto dos valores supracitados. Vale a pena investigar a natureza ambígua do comportamento humano a partir da leitura do fabulário lobatiano e também dos clássicos desse gênero.

No caso da fábula **A mosca e a formiguinha**, selecionamos a versão de Monteiro Lobato, inserida no volume citado. Uma arrogante mosca interrompe o trabalho de uma formiga para vangloriar-se de sua vida de fidalga, a pousar em todas as mesas e manjares, sem o esforço do trabalho de transportar seu alimento. A formiguinha, atenta ao maldoso comentário da mosca, rebate tal colocação afirmando não ter inveja do destino das moscas, portadoras de hábitos imundos e de reputação asquerosa. Ainda manifesta-se contra o cinismo da mosca, acusando-a de parasita e ressaltando a virtude do trabalho honesto, do qual a própria formiga é um exemplo a ser seguido. A mosca ironiza a formiga e despede-se enunciando o seguinte provérbio: “Quem desdenha quer comprar.”<sup>7</sup>. Dias depois, a formiga encontra a mosca a se debater, aflita, numa vidraça, e aproxima-se para inteirar-se do ocorrido. A prisioneira queixa-se de fome e cansaço, pois os donos da casa viajaram e trancaram a residência, impedindo-a, assim, de sair.

A formiga só faz repetir o discurso vaidoso da mosca, lembrando-a de sua vida de fidalga, filando os mais finos banquetes, e sai apressada para o seu trabalho de rotina. A fábula termina com a seguinte moral: “Quem quer colher planta. E quem do alheio vive um dia se engasga.”<sup>8</sup>. É importante ressaltar ainda a fala do Visconde de Sabugosa, personagem lobatiano, ao comentar a moral da fábula num exercício crítico de leitura, como se lê em: “Seria muito bom se fosse assim. Mas muitas vezes um planta e quem colhe é o outro...”<sup>9</sup>.

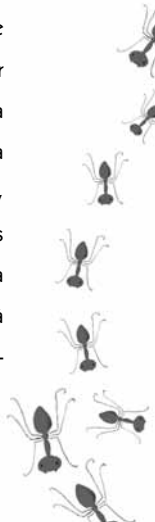
Observamos, então, que ler as fábulas pela ótica de Monteiro Lobato é investir na formação de um leitor crítico. O comportamento engajado da platéia das personagens-leitoras do

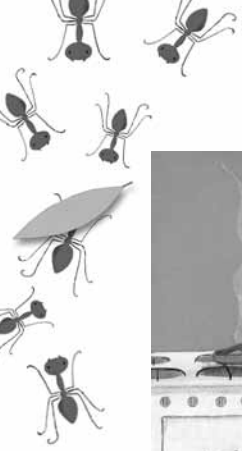
Sítio do Pica-pau Amarelo (Narizinho, Pedrinho, Emília, Visconde de Sabugosa) no ato da leitura reforça a importância da recepção crítica nas atividades com a literatura. O fabulário antigo é, portanto, revisitado pela obra de Lobato, numa prática de curiosidade e reflexão constantes.



Outro livro de Monteiro Lobato cuja matéria literária é a saúva é *A Chave do Tamanho* (1942). Ele narra a maior reinação da Emília em relação à humanidade: a fabulosa boneca reduz, na verticalidade do tempo ficcional, o tamanho das criaturas humanas, provocando uma reviravolta na chamada “civilização clássica”. O motivo que leva Emília a praticar tamanha travessura é um fato histórico: a Segunda Guerra Mundial. A filósofica Emília acusa o tamanho de ser o mal da humanidade e propõe o “destamano” como degrau para se alcançar a abundância. No capítulo III, intitulado **Por causa do pinto sura**, Emília compara seu tamanho ao de uma formiga saúva, declarando que “apesar de ter eu agora o tamanho duma saúva, possuo a mesma inteligência de antes – e sei.”<sup>10</sup> Essa metamorfose conduz a uma revelação contraditória, isto é, embora a consciência permaneça humana, fica destituída de poder, uma vez que a presença corpórea se animaliza.

Em *A Chave do Tamanho*, o mundo biológico é objeto de investigação dos homens da nova era. A vida dos insetos passa a ser considerada um exemplo de sobrevivência na inusitada experiência da humanidade. Por exemplo, no capítulo IV, **Viagem pelo jardim**, Emília sente dificuldades em locomover-se com o novo tamanho e espreita o percurso dos bichinhos na tentativa de apreender sua realidade, como lemos em “Emília compreendeu por que os insetos sobem tão bem pelas paredes. Para uma formiga uma parede é uma verdadeira escada, com degraus irregulares a que as garras das patinhas vão se agarrando”<sup>11</sup>. No capítulo XXI, denominado **A ordem nova**, Emília surpreende-se com as inusitadas invenções do Dr. Barnes, um professor de Antropologia da Antiga Civilização que resolve aplicar seus conhecimentos à sua nova condição na Terra. Os dois sábios discutem sobre a do-





mesticação dos insetos, e Emília ressalta a força do trabalho das saúvas, eficientes transportadoras de cargas, conforme evidenciamos na seguinte passagem: "As formigas nasceram carregadoras. E que força elas têm! Lá no sítio vi saúvas carregando grãos de milho inteiros, uma coisa muito mais pesada que elas"<sup>12</sup>. Com

a nova ordem, os insetos estariam, portanto, a serviço dos homens, na tentativa de reconstrução de um outro tempo.

Assim, na narrativa de Lobato, os seres humanos assumem a insignificância dos insetos, a fim de alcançarem a "abundância dos pequeninos"<sup>13</sup>.

As ilustrações de Graça Lima para o livro **Quem não arrisca não petisca** dão asas à imaginação do leitor e promovem uma pausa criadora de depurados significados. As imagens das formigas que passeiam pelas folhas do livro, por exemplo, despertam a curiosidade dos pequenos, aguçando sua percepção das partes desses insetos e favorecendo o estímulo da observação apurada. Outro aspecto a ser destacado é a variedade de materiais utilizados nas ilustrações: guache sobre papel colorido, lápis de cor, colagem de renda e tecido. Essa técnica mista amplia as experiências das crianças, sinalizando para a criação visual como uma possibilidade de múltiplos recursos de natureza estética.

Os provérbios da narrativa literária também foram objetos da criação pictórica. O registro visual dos ditos populares estimula o imaginário dos leitores, despertando a curiosidade em torno dessa representação, em que a palavra e a imagem unem-se numa parceria estética. Podemos citar, na narrativa, alguns provérbios ilustrados por Graça Lima: "É tempo de sol e chuva, / casamento de viúva!"; "A formiga saúva / sabe a folha que rói... / A viúva, sem saúde, / acode aonde mais lhe dói!"; "Cada roca com seu fuso, / cada terra com seu uso...".

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- <sup>1</sup> ANDRADE, Mário de. Macunaíma. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985. p. 1.
- <sup>2</sup> Idem, p. 1.
- <sup>3</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.
- <sup>4</sup> Idem, pp. 338.
- <sup>5</sup> LOBATO, Monteiro. Fábulas. São Paulo: Brasiliense, 1960. p. 11-4.
- <sup>6</sup> Idem, pp. 99-100.
- <sup>7</sup> Idem, p. 99.
- <sup>8</sup> Idem, p. 100.
- <sup>9</sup> Idem, p. 100.
- <sup>10</sup> \_\_\_\_\_. A chave do tamanho. São Paulo: Brasiliense, 1960. p. 26.
- <sup>11</sup> Idem, p. 29.
- <sup>12</sup> Idem, p. 168.
- <sup>13</sup> Idem, p. 37.

## Sugestões de leituras complementares

- FERRAZ, Marisa Vianna. De mãos dadas com a Natureza. Insetos. Rio de Janeiro: Salamandra, 1991.
- HORNBLow, Arthur; LEONORA. Truques, artes e manhas dos animais. Insetos. São Paulo: Melhoramentos, 1990.
- PINTO, Ciça Alves. Livro dos provérbios, ditados, ditos populares e anexins. São Paulo: SENAC, 2000.
- RODRIGUES, Rosicler Martins. A vida da formiga. São Paulo: Moderna, 1999.



### Boa leitura!

Fátima Miguez, que elaborou esse encarte, é formada em Letras pela UFRJ. Professora do Departamento de Ciências da Literatura da UFRJ, há dez anos vem realizando pesquisa na área da literatura infanto-juvenil. É autora de muitos livros, dentre os quais Perto dos olhos, perto do coração; Em boca fechada não entra mosca; A cama que não lava o pé e Com o coração na mão, todos publicados pela Editora DCL.